



## 1.4 • Conjuntura internacional

### SEGURANÇA GLOBAL – UM CENÁRIO DE INCERTEZA

João Henriques

A SEGURANÇA, A PAZ E O DESENVOLVIMENTO sempre foram preocupações dominantes ao longo de toda a História da Humanidade. Tal como no passado, estes anseios continuam presentes no milénio que agora se iniciou. Particularmente no decurso das duas últimas décadas têm-se verificado profundas mudanças nos mais variados domínios da vida das sociedades, com destaque para o da segurança. São cada vez em maior número as ameaças à sociedade protagonizadas por novos e mais destrutivos actores. Às ameaças resultantes de inquietantes alterações climáticas, da corrida ao armamento nuclear, das migrações em massa, da pirataria e dos vários conflitos regionais presentes, sobretudo, nos continentes africano e asiático, juntou-se a escalada terrorista jihadista, marcada pelas mais diferentes motivações, desde a religiosa à ideológica, passando pela de natureza social.

Um pouco por todo o mundo, muitos são os Estados, incluindo os de maioria populacional muçulmana, que ultimamente têm sido cenário de vários ataques terroristas de inspiração salafista. Em África, com destaque para a região subsariana, vai crescendo a presença de grupos e de sucursais das principais organizações terroristas que se concentram, agora, em territórios com uma governação frágil, ou mesmo em Estados ditos falhados, retirando daí significativos ganhos<sup>1</sup>. De resto, neste continente, as ameaças à segurança das populações não se resumem aos conflitos de natureza étnica<sup>2</sup> ou a acções terroristas directas; também a escassez de recursos ou a crescente diminuição das reservas de água, a pobreza, a fome, as violações dos direitos humanos, as alterações climáticas e a explosão demográfica constituem sinais de uma instabilidade contínua e potenciadora de conflitos generalizados, que passaram a requerer uma especial atenção da comunidade internacional.

O ano de 2017 registou convulsões generalizadas por todo o Médio Oriente, com destaques para a Síria e o Iraque. Mais a sul, tanto o Líbano como o Sudão do Sul suscitaram sérias preocupações da comunidade internacional. No continente sul-americano, a Venezuela viveu, como ainda hoje vive, um conflito social em larga escala. Na América Central, as populações de diversos países deste subcontinente, com destaque para a Nicarágua, onde as autoridades exercem uma enormíssima repressão sobre a população civil, estão no trilho de crises humanitárias sem fim e expostas aos dramas causados pela criminalidade organizada ali instalada. No continente europeu foram vários os países fustigados pelas acções terroristas, entre os quais Espanha, a enfrentar, igualmente, o sério problema do separatismo catalão.

No extremo oriental do planeta, o já longo conflito protagonizado pelas duas Coreias e a crescente instabilidade internacional, em parte fruto do preocupante e temerário protagonismo de Donald Trump, que no domínio da política externa norte-americana tem em muito contribuído, a par de outras razões, como é o caso das alterações climáticas<sup>3</sup>, para a presença de sérias ameaças à segurança internacional. Neste contexto ameaçador de âmbito global, a segurança passou a merecer posição de destaque nas agendas da generalidade dos governantes em todo o mundo. Estas novas ameaças acabaram por provocar uma mudança profunda nos conceitos relativos à segurança global. Tudo isto a par de múltiplas acções desencadeadas por indivíduos, grupos ou organizações terroristas às quais se juntou o crime organizado e, mais recentemente, entidades de corte ideológico extremista, num cenário de angustiante incerteza quanto ao momento e localização das suas acções.

“  
(...) a segurança passou a merecer posição de destaque nas agendas da generalidade dos governantes em todo o mundo.”

A vida das sociedades é marcada, ainda, pelas novas ameaças e os ciberataques, tendencialmente mais sofisticados, através dos quais a opinião pública está permanentemente sujeita a manipulações de diversa índole. Também as alegadas ingerências da Rússia nas últimas eleições norte-americanas, assim como o envenenamento do antigo espião russo Sergei Skripal, e uma nova configuração de zonas de influência russa e norte-americana, acabariam por dar lugar à primeira grande crise política entre a Rússia e o Ocidente no período do pós-Guerra Fria. As ameaças à segurança passaram a fazer parte do quotidiano da população mundial. Consequentemente, as iniciativas dos líderes políticos de todo o mundo para estancar e erradicar o fenómeno têm-se multiplicado.

Entretanto, os avanços tecnológicos registados, a par de constituírem um enorme benefício para a Humanidade, acabaram por resultar, também, numa séria ameaça à segurança mundial, com grupos e organizações terroristas, e do crime organizado, a acederem facilmente aos enormes recursos do espaço virtual; uma verdadeira arma do século XXI, que tem posto à prova a enorme capacidade que o Daesh tem na sua utilização.

A Internet constitui nos nossos dias o principal meio de comunicação a nível mundial. De igual modo, o emprego deste meio por parte das organizações terroristas vai muito além do imaginável. Trata-se, pois, de um instrumento essencial do movimento jihadista global<sup>4</sup>. Funciona como veículo de propaganda e obtenção de informação, assim como meio de recrutamento e mobilização, de ataque contra redes computadorizadas fornecedoras de serviços públicos, como, por exemplo, sistemas financeiros, aeroportos e de segurança, de financiamento, planeamento e coordenação das suas actividades e, ainda, como forma de comunicação. Tudo isto num ambiente insuficientemente controlado pelas forças antiterroristas, já que a cada revés provocado por estas sucede uma resposta adaptativa das organizações terroristas. Não é de estranhar, pois, que a Internet seja cada vez mais utilizada pelos jihadistas que, inclusivamente, recorrem a ela para a criação de fóruns e para a reivindicação de atentados ou sequestros. Com meios como a Internet o mundo encontra-se agora mais ao alcance do terrorismo global salafista, onde a interacção para troca de informação e difusão de propaganda com países e regiões muito distantes entre si passou a ser possível. Segundo NYE, Jr.<sup>5</sup>, a Internet permite a alguns actores o lançamento de ataques cibernéticos sem sair de casa, criando uma ameaça à segurança mundial. As comunicações são um recurso de fundamental importância para os grupos terroristas, com particular destaque para o Daesh, algo que, todavia, não é novo. Ferramentas tecnológicas disponíveis mais recentemente afectaram a natureza das suas actividades, alterando o modo como as ameaças se colocam às sociedades.

O uso intensivo que o Daesh faz da ciberjihad para o recrutamento, radicalização e disseminação da propaganda jihadista torna o seu combate e prevenção particularmente complexos para os serviços de *inteligência*. O termo ciberjihad faz referência ao uso de ferramentas tecnológicas de última geração e do ciberespaço, em ordem à promoção da jihad violenta contra os chamados *inimigos do Islão*. O Daesh faz uso de uma estratégia de propaganda bem-sucedida com base em mensagens adaptadas a públicos distintos. O seu alcance é global, visando atingir as populações mais vulneráveis. O grupo criou uma série de meios de comunicação que transmitem produções de propaganda em vários idiomas e ajustadas ao contexto social e cultural de cada grupo-alvo<sup>6</sup>. O ciberespaço permite, ainda, a criação de fóruns onde grupos de convertidos ao Islão formam ou integram redes através das quais difundem a sua interpretação rigorista do Islão. Dada a dificuldade ou mesmo incapacidade de

entenderem os discursos que têm lugar nas mesquitas ou noutros locais de culto, estes convertidos recorrem à Internet como meio adequado à sua radicalização.

No mesmo sentido, também as prisões se converteram em mais um importante veículo de radicalização jihadista e de recrutamento. Actualmente, os riscos transformam-se em massacres sem qualquer tipo de aviso prévio, tal como aconteceu com os atentados de Nova Iorque, de Madrid ou de Londres, e mais recentemente em territórios francês e alemão, em Bruxelas ou em Barcelona. Os ataques de Madrid demonstraram claramente que as ameaças do terrorismo islamista tinham, igualmente, a Europa como alvo. Por outro lado, confirmaram a emergência de uma maior autonomia da rede jihadista, o que foi demonstrado pela acção das células que cometeram os ataques, inspiradas por uma ideologia jihadista violenta. Os registos sangrentos das ocorrências que tiveram lugar nas duas maiores cidades espanholas puseram, ainda, a claro as vulnerabilidades a que os locais com multidões ou de grande concentração de pessoas estão sujeitos. Muitos são agora os países ameaçados por um terrorismo inspirado por uma corrente fundamentalista e integrista do Islão, sendo a Al Qaeda e o Daesh as organizações mais representativas desta linha, cujos objectivos passam pela imposição de uma ideologia totalitária através de meios bastante violentos.

“  
**O terrorismo e os conflitos regionais, a par do crescente número de incidentes relacionados com a cibersegurança, marcaram a agenda política no ano de 2017.**  
”

Os Estados têm, pois, necessidade de adequar os seus procedimentos ao novo cenário do terrorismo islamista, recorrendo a instrumentos que lhes permitam reagir com prontidão em face do carácter versátil da ameaça. De acordo com um relatório da Europol<sup>7</sup>, a União Europeia enfrenta, actualmente, uma série de ameaças e ataques terroristas de grupos em rede e actores solitários e outros inspirados no Daesh. A par de ataques cuidadosamente preparados surgem outros aparentemente de natureza espontânea.

O terrorismo e os conflitos regionais, a par do crescente número de incidentes relacionados com a cibersegurança, marcaram a agenda política do ano de 2017. As ameaças que actualmente pendem sobre todos nós fazem parte de um modelo bastante complexo e multifacetado, merecendo, por isso, uma rigorosa análise e a aplicação de uma adequada estratégia. Um rastreio unicamente centrado na intervenção puramente operacional é perigosamente escasso, atendendo

ao facto de que os problemas postos à sociedade são de âmbito multidimensional, profundamente marcados por ideologias de tipo fundamentalista que promovem o ódio e a violência. Afinal, e disso há que ter consciência, são estas ideologias que têm servido de alavanca ao terrorismo jihadista. As convulsões políticas, sociais ou económicas, constituem realidades interdependentes. Se numa delas é declarada uma situação de crise, a mesma alastrar-se-á às restantes. A reactividade deve, pois, ceder o passo à prevenção, de modo a ser possível uma atempada neutralização de actos criminosos da responsabilidade das células e comandos terroristas. Nesta estratégia de cariz multidimensional o êxito dependerá do cuidado dispensado às questões de segurança.

### **Os desafios à segurança internacional: combater as ameaças**

Muitas das actuais tensões são de natureza étnica ou territorial, como os casos do Sudão do Sul e o conflito que opõe a Ucrânia à Rússia, o que coloca em evidência a sua crescente descentralização e assumindo já um carácter global, com consequências noutros domínios. Outras regiões, igualmente sensíveis, em particular as do Médio Oriente e do Sahel, seja por razões de natureza tribal ou étnica, estão significativamente expostas às iniciativas dos terroristas islamistas. Esta instabilidade cria crescentes oportunidades a actores não-estatais, o que resulta em novas e sérias ameaças à segurança internacional, tornando o seu combate uma tarefa complexa<sup>8</sup>. Aos líderes políticos de todo o mundo é exigido um amplo consenso, entendendo como inultrapassável uma efectiva cooperação no combate às diferentes ameaças colocadas à sociedade mundial, sabendo-se o quanto têm fracassado as tradicionais estratégias de segurança, devido, muitas delas, a falhas de análise dos conflitos que estão na sua origem. Entendemos que a pesada tarefa de promover a segurança e a paz mundiais exige, igualmente, o envolvimento e a contribuição das grandes organizações internacionais (OTAN e ONU) e da União Europeia, o que obrigará a uma ampla percepção comum a todos os líderes, o que muito poucas vezes se tem verificado. Ainda assim, o combate ao terrorismo tem evoluído permanentemente e vai adoptando as medidas de segurança necessárias a cada situação. ■

#### **Notas**

<sup>1</sup> THE FUND FOR PEACE. *FRAGILE STATES INDEX ANNUAL REPORT 2018*. Disponível em: <http://fundforpeace.org/fsi/2018/04/19/fragile-states-index-2018-issues-of-fragility-touch-the-worlds-richest-and-most-developed-countries-in-2018/> (Consultado em 29 de Maio de 2018).

<sup>2</sup> As estatísticas mostram que, actualmente, muitas mais pessoas são mortas por conflitos étnicos ou pela proliferação de armas do que pela guerra internacional (KRAHMANN, Elke – *New Threats and New Actors in International Security*. New York. Palgrave Macmillan, 2005).

<sup>3</sup> Segundo o WORLD ECONOMIC FORUM, no seu *GLOBAL RISKS REPORT 2016*, “as alterações climáticas, e os efeitos que lhes estão associados, são responsáveis por um maior impacto para a segurança global do que propriamente o terrorismo ou o crime organizado”. Disponível em: [http://www3.weforum.org/docs/GRR/WEF\\_GRR16.pdf](http://www3.weforum.org/docs/GRR/WEF_GRR16.pdf) (Consultado em 4 de Junho de 2018).

<sup>4</sup> IBÁÑEZ, Luis de la Corte; JORDÁN, Javier. *La yibad terrorista*. Madrid, Editorial Síntesis, 2007, pp. 218-219.

<sup>5</sup> NYE Jr, Joseph S. – *O Futuro do Poder*. Lisboa, Círculo de Leitores, 2010.

<sup>6</sup> *Idem*.

<sup>7</sup> *Ibidem*.

<sup>8</sup> WORLD ECONOMIC FORUM – *THE FUTURE OF PEACE AND SECURITY: INTERLINKAGES IN A COMPLEX WORLD*. Disponível em: [https://www.un.org/pga/70/wp-content/uploads/sites/10/2016/01/The\\_Future\\_of\\_Peace\\_and\\_Security-hand-out-FINAL.pdf](https://www.un.org/pga/70/wp-content/uploads/sites/10/2016/01/The_Future_of_Peace_and_Security-hand-out-FINAL.pdf) (Consultado em 30 de Maio de 2018).

#### **Referências**

IBÁÑEZ, Luis de la Corte; JORDÁN, Javier. *La yibad terrorista*. Madrid, Editorial Síntesis, 2007.

KRAHMANN, Elke. *New Threats and New Actors in International Security*. New York. Palgrave Macmillan, 2005.

NYE Jr, Joseph S. *O Futuro do Poder*. Lisboa, Círculo de Leitores, 2010.

THE FUND FOR PEACE. *FRAGILE STATES INDEX ANNUAL REPORT 2017*. Disponível em: <http://fundforpeace.org/fsi/2017/05/14/fragile-states-index-2017-annual-report/951171705-fragile-states-index-annual-report-2017/> (Consultado em 28 de Maio de 2018).

THE FUND FOR PEACE. *FRAGILE STATES INDEX ANNUAL REPORT 2018*. Disponível em: <http://fundforpeace.org/fsi/2018/04/19/fragile-states-index-2018-issues-of-fragility-touch-the-worlds-richest-and-most-developed-countries-in-2018/> (Consultado em 29 de Maio de 2018).

WORLD ECONOMIC FORUM – *THE FUTURE OF PEACE AND SECURITY: INTERLINKAGES IN A COMPLEX WORLD*. Disponível em: [https://www.un.org/pga/70/wp-content/uploads/sites/10/2016/01/The\\_Future\\_of\\_Peace\\_and\\_Security-hand-out-FINAL.pdf](https://www.un.org/pga/70/wp-content/uploads/sites/10/2016/01/The_Future_of_Peace_and_Security-hand-out-FINAL.pdf) (Consultado em 4 de Junho de 2018).

WORLD ECONOMIC FORUM – *GLOBAL RISKS REPORT 2016*. Disponível em: [http://www3.weforum.org/docs/GRR/WEF\\_GRR16.pdf](http://www3.weforum.org/docs/GRR/WEF_GRR16.pdf) (Consultado em 4 de Junho de 2018).